



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

O QUE VISTES E O QUE VI: O OLHAR DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO PARA OS RELATOS DE VIAGENS.

Gileade Godoi (CEFET-RJ)

RESUMO

A geração de sentidos passa por muitos caminhos, um dos quais o olhar. Somos significados pelo olhar do outro, significamos através do nosso olhar. Olhar aqui não constitui um gesto, uma reação, um fenômeno físico. Olhar constitui uma rede de significação que passa pelo filtro da cultura, da ideologia, dos conceitos e preconceitos. E é através desse gesto complexo que significamos o mundo. Os relatos de viagens são exemplos de olhares. O modo com os lemos, outro exemplo. E como seria o olhar de alunos do Ensino Médio para esses relatos? Que propostas de abordagem interpretativa poderiam conceber ante tais narrativas? A apresentação do projeto PIBID-EM em andamento com alunos do CEFET-RJ pretende dar uma ideia de como uma parte dos alunos envolvidos no projeto “*Olhares estrangeiros: o Brasil ressignificado ao longo dos séculos*”, idealizado pelas professoras Gileade Godoi e Polyana Pires (CEFET-RJ), pode encaminhar suas respostas a essas questões. Com um referencial teórico que vai da Análise de Discurso de linha francesa (Pêcheux) à literatura, traremos à pauta de discussão questões como alteridade, identidade, discurso e ideologia. Orlandi, Althusser, Darcy Ribeiro, Süsskind e Todorov, dentre outros, são teóricos cujos conceitos e estudos contribuirão para nossa reflexão. Apresentarei aqui a proposta de dois orientandos, que escolheram começar a composição de seus corpora a partir de duas obras: *Delícias do descobrimento*, de Sheila M. Hue, para analisar o olhar estrangeiro sobre o Brasil através das descrições e impressões que tiveram sobre a fauna e, principalmente, sobre a flora brasileira, sobretudo no que tange aos alimentos; e *O Brasil no olhar de Willian James*, organizado por Maria Helena T. Machado, a partir do qual se fará levantamento e análise da visão dos estrangeiros da época acerca da miscigenação no país, tentando identificar a influência dos pensamentos de então, na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Relatos de viagem. Identidade. Memória. Ideologia.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que compartilharemos um projeto em andamento ainda em fase muito incipiente. Como o título antecipa, o objetivo é mostrar a visão de alunos de Ensino Médio acerca de um tema sobre o qual já existe uma discussão considerável em andamento, mas que ainda se mostra como fonte bastante profícua de discussão, além de ser um assunto bastante atrativo para adolescentes. Entretanto, antes de apresentar a proposta discente propriamente dita, gostaria de apresentar o projeto e as questões teóricas que nos nortearam na construção do projeto.

A geração de sentidos passa por muitos caminhos, um dos quais o olhar. Somos significados pelo olhar do outro, significamos através do nosso olhar. Olhar aqui não constitui um gesto, uma reação, um fenômeno físico. Olhar constitui uma rede de significação que passa pelo filtro da cultura, da ideologia, dos conceitos e preconceitos. E é através desse gesto complexo que significamos o mundo.

O outro, o diferente, aquele considerado exótico sempre foi motivo de curiosidade. Desde os tempos em que era colônia portuguesa, o Brasil exerceu grande atração sobre os europeus, pelos motivos mais diversos: disputar território, descobrir e explorar as riquezas e o povo, conhecer a fauna e a flora dessa nova terra, seu clima, cores e sabores e aproveitar todas as benesses que a posse do Novo Mundo pudesse propiciar.

A curiosidade advinda de motivações tão diferentes fez com que, ao longo dos séculos, muitos fossem enviados para cá a fim de relatar as novidades observadas que se coadunassem com o interesse daqueles que mandavam tais emissários. Além disso, outros viajantes chegavam movidos pelo gosto da aventura, do desbravamento e do desejo de enriquecimento em um Brasil-Colônia prestes a se tornar independente ou recém independente.

Dessas constantes visitas, surgiram muitos relatos sobre o que aqui se observou e viveu: descrições científicas da natureza, dos nativos e de seu modo de vida, relatos de conquistas e disputas territoriais, narrativas de aventuras amorosas, de fortunas e reveses

Consideramos que o que se pensou e se propagou em território nacional e no exterior acerca do Brasil e do brasileiro ocupa importante papel na construção do imaginário local e estrangeiro, pois exerceu influência ideológica no modo como se construíram os referenciais de cultura, do que é considerado bom e belo, inferior e superior, certo e errado. Os produtores desses textos falavam a partir de uma mesma posição sujeito: a de estrangeiros na América. Não podemos perder de vista que o sujeito se constitui como tal quando interpelado pela ideologia, ou seja, ser sujeito é estar afetado ideologicamente. Visto, pois, que não existe discurso sem sujeito, todo discurso é ideológico. Ao enunciar, nenhum sujeito escapa dos pré-construídos, das memórias já significantes em outros tempos e em outro lugar. Essas memórias certamente se farão ecoar nos discursos produzidos acerca da terra e do povo que habita/habitava este território e não podem ser ignoradas em nossa análise. Conhecer, pois, tais relatos, compará-los e, finalmente, analisá-los é um modo de nos conhecermos mais e melhor, de rejeitarmos rótulos, de repensarmos nosso lugar e posição social enquanto brasileiros, possibilitando, assim, uma reflexão acerca do quanto o que pensamos e sentimos acerca

de nós mesmo pode ser uma produção discursiva advinda do processo de repetição. O efeito de verdade produzido por repetições tão duradouras impede o questionamento, produz efeito de evidência; é trabalho da ideologia.

Tendo, portanto, os relatos de viagem como ponto de referência e como corpus bruto a ser delimitado, foi organizado o projeto PIBIC-EM “Olhares estrangeiros: o Brasil ressignificado ao longo dos séculos”, sob coordenação das professoras Gileade Godoi e Polyana Pires.

Com um referencial teórico que vai da literatura à análise de discurso, questões como alteridade, identidade, discurso e ideologia estão na pauta de discussão com os alunos a fim de que as leituras dos relatos ultrapassem o prazer da leitura e a curiosidade, permitindo a formação de leitores verdadeiramente críticos.

Nossa pesquisa está estruturada em duas vertentes de análise: uma que terá como referencial teórico-metodológico a Análise de Discurso (AD) de linha francesa e outra fundamentada em estudos teóricos e críticos sobre as narrativas de viagem, conjugando-os à historiografia literária, especialmente a brasileira.

No caso da AD francesa conceitos como Ideologia, Formação Discursiva, Lugar e Posição discursiva dentre outros serão mobilizados ao longo da análise. O discurso será considerado aqui no sentido dado a ele por Pêcheux, ou seja, como "efeito de sentidos entre locutores", efeito esse constituído da "relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas" (apud Orlandi, 1993:21).

Sabemos que todo discurso é produzido em condições histórico-sociais específicas, sendo enunciado de determinadas posições de sujeito. Isso significa que não é qualquer pessoa que pode dizer qualquer coisa, de qualquer lugar, pois esses lugares são determinados historicamente. Além disso, a legitimidade do que se diz é atestada (ou não) pelo lugar ocupado pelo sujeito enunciador. Sendo assim, ideologia, condições de produção, lugares e posição sujeito serão mobilizados na análise que empreenderemos.

A noção de lugar está relacionada a “lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos (...) e que são representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo” (Pêcheux, 1993, p. 83). Diz respeito ao modo como, devido a essa organização social, é possível identificar um discurso como proveniente de um determinado lugar, ou seja, quem ocupa a posição-sujeito relativa àquele lugar social. O que significa dizer, em outras palavras, que consideraremos o modo como esses viajantes

se viam, o lugar que ocupavam na sociedade e, como o fato de ocupar tal lugar afetava o modo como a sociedade como um todo era percebida.

Paralelamente, o cabedal teórico e crítico sobre a literatura de viagem, especialmente aquela produzida por visitantes estrangeiros no Brasil, enriquecerá as análises dos textos, privilegiando a expressão particular de cada nação e de cada época diante do “Novo” Mundo.

De acordo com Jean Marcel França, em *Visões do Rio de Janeiro Colonial*, devido à proteção lusitana, poucos estrangeiros frequentaram o Brasil na época colonial, movimento que passa a ocorrer intensivamente com a chegada da corte no século XIX. Ora, data da mesma época o impulso editorial brasileiro, graças ao mesmo acontecimento, e a literatura nacional se consolida na época dos nossos românticos. Estrangeiros e brasileiros se interessam pela terra e passam a registrar copiosamente experiências em cartas, memórias, diários e livros. Seria insuficiente avaliar o desenvolvimento da literatura e da arte nacionais sem o devido cotejo com as estrangeiras; por isso, nosso projeto entende que, para discussão do conceito de povo brasileiro, é indispensável vasculharmos as percepções externas, observando até que ponto elas nos formaram e qual resposta demos a elas ao longo do tempo.

Na literatura de viagem, a aventura pessoal do autor assume uma dimensão bem mais ampla, universal, indo além do simples registro de datas e eventos, o que confere a esses escritos um caráter interdisciplinar, visto que dados históricos, antropológicos, biológicos, técnicos e ficcionais se misturam. Os temas mais frequentes – fauna, flora, minerais, costumes, culturas, crenças, estratégias militares e comerciais, ciências e artes – revelam opiniões particulares daqueles que tiveram contato com a terra.

Além dos textos de viajantes, muitos são os críticos e teóricos que podem colaborar em nossa empreitada, todos aqueles que, de alguma forma, se interessaram pela representação dos cruzamentos culturais fundamentais para a formação identitária. Nesse sentido, teremos como subsídios teóricos desde os primeiros ensaios sobre o assunto, como “Dos canibais”, de Michel de Montaigne, até leituras mais contemporâneas do tema, a exemplo de Tzvetan Todorov (*A conquista da América: a questão do outro e Nous et les autres*), de Flora Süssekind (*O Brasil não é longe daqui – o narrador, a viagem*), de Silviano Santiago (*Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*) e de Fernando Cristóvão (*Condicionantes culturais da literatura de viagens*).

Trabalharemos com obras de autores estrangeiros, especialmente franceses e portugueses, homens e mulheres, que, desde o século XVI, escreveram cartas, relatos e/ou memórias das experiências vividas em terras brasileiras.

Seja pelo viés da Análise do Discurso, seja pelo viés dos estudos sobre literatura de viagem, teoria e análise sofrem um imbricamento. À medida que os textos para análise estão sendo selecionados, a metodologia e os conceitos que a embasarão também estão sendo definidos. Alternando momentos de leitura e seleção de textos para o *corpus*, com a leitura de textos teóricos e de apoio a fim de compreender melhor os discursos e a tradição artístico-literária com os quais entraremos em contato e suas condições de produção, vamos construindo o corpus e consolidando o referencial teórico

Na pesquisa que ora expomos, buscamos compreender o modo como éramos vistos enquanto povo e cultura e como essa percepção foi se modificando ao longo dos séculos. Qual o olhar que os viajantes tinham de si mesmos, que lugar social ocupavam e como isso afetava o modo como percebiam a sociedade brasileira? Todas essas questões estão sendo mobilizadas e estão norteando a seleção dos corpora.

Refletiremos, então, que papel esses relatos ocupam e ocuparam no processo de construção da identidade nacional brasileira, marcada por orgulhos e complexos.

Para integrar o projeto e participar dessa iniciação à pesquisa acadêmica, convidamos quatro alunos. Apresentarei aqui a proposta dos dois alunos que estou orientando, ambos cursando o 4º ano do Ensino Médio.

O projeto PIBIC-EM de Caio Cesar Souza da Conceição é intitulado “Cores, formas, sabores – a natureza como filtro no olhar dos viajantes estrangeiros sobre o Brasil e seu povo no século XIX” e se propõe a analisar o olhar estrangeiro sobre o Brasil através das descrições e relatos das impressões que tiveram sobre a fauna e, principalmente, sobre a flora brasileira, sobretudo no que tange aos alimentos, concentrando a atenção no olhar para o brasileiro através da natureza e como essa percepção sobre o diferente, considerado excêntrico, constituiu o imaginário estrangeiro acerca do Brasil e do brasileiro.

A constituição de seu corpus tem se mostrado de difícil delimitação. O aluno não conseguiu ainda, na literatura que vem lendo, material que considere relevante para sua proposta. Fazem parte de suas leituras preliminares, com vistas à definição do corpus, os relatos registrados nos livros *Visões do Rio de Janeiro Colonial*, de Jean Marcel Carvalho França, *Um francês nos trópicos - Francis de Castelnau: o olhar de um viajante no século XIX*, organizado por Maria Elizabeth Chaves de Mello e *Delícias do Descobrimento*, de

Sheila Moura Hue, que por tratar especificamente da fauna, flora e gastronomia do século XVI, é onde tem encontrado os fragmentos que considera mais relevantes.

O pouco tempo de início da pesquisa não permitiu ainda passar à fase de análise do material, visto que o corpus ainda não está fechado. Ao longo de suas leituras, ao se deparar com trechos que não têm relação com sua pesquisa, mas que se afiguram relevantes para a pesquisa de sua colega de projeto, os tem separado e apresentado a ela a fim de que possa usá-los em suas análises, caso deseje, levando, assim sua contribuição para além de seu projeto.

Já o projeto PIBIC-EM da orientanda Fernanda Souza Oliveira Matos intitula-se “Mestiçagem pra que te quero? – A miscigenação brasileira no olhar estrangeiro do século XIX”. Inspirada nas aulas de Sociologia, Fernanda decidiu fazer levantamento e análise da visão dos estrangeiros acerca da miscigenação ocorrida no Brasil entre 1810 e 1870, procurando entender como essa miscigenação era vista pelos europeus que aqui se estabeleceram e dela participaram e como era percebida pelos que estavam de passagem e que não pretendiam aqui estabelecer vínculos. Pretende também perceber como as teorias racialistas da época influenciaram esse momento da história do país, visto que tratavam justamente de questões de miscigenação. Pretende também tentar perceber os efeitos desses estudos e desse acontecimento histórico na visão que temos hoje acerca da mestiça população brasileira.

Fernanda elegeu o livro *O Brasil no olhar de Willian James*, organizado por Maria Helena Toledo Machado, como fonte de seu corpus. Willian James é um filósofo que viajou para o Brasil como estudante de medicina, na expedição liderada por seu mestre, o naturalista Louis Agassiz, que defendia a teoria da degeneração, que atribuía a decadência biológica das raças à miscigenação. Willian James, entretanto, afastou-se das concepções de seu mestre. Já selecionou vários trechos em que a descrição física ou comportamental de índios e negros causam no mínimo estranheza ao leitor contemporâneo, mostrando-se fecundos para análise. Esses fragmentos acabam de ser compilados e serão agora discutidos com a orientanda. Vamos procurar lançar um olhar crítico sobre o que ela já tem, a fim de nortear a seleção de outros fragmentos, talvez também de outras fontes para o fechamento do corpus, o que permitirá passarmos às primeiras análises, após mais algumas leituras teóricas.

Ao fim dessa pesquisa, teremos a oportunidade de observar o alcance da criatividade e curiosidade investigativa desses adolescentes quando em contato com o universo da

pesquisa acadêmica e com textos com os quais normalmente não trabalhariam em sala de aula. A delimitação dos temas de seus projetos já demonstra sua percepção da importância da interdisciplinaridade na construção de saberes e na compreensão dos sentidos.

Referências bibliográficas

ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado*. - nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves (Org.). *Condicionantes culturais da literatura de viagem – estudos e bibliografia*. Coimbra: Almedina, 2002.

FRANÇA, J. M. C. *Outras visões do Rio de Janeiro Colonial*. 2.ed. Antologia de textos. 1582-1808. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013

_____. *Visões do Rio de Janeiro Colonial*. 3.ed. Antologia de textos. 1531-1800. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

HUE, Sheila M. *Delícias do descobrimento: a gastronomia brasileira no século XVI*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MACHADO, Maria Helena Toledo.(Org.) *O Brasil no olhar de William James: cartas, diários e desenhos, 1865-1866*. São Paulo: EDUSP, 2010.

MELLO, M. E. Chaves de. (Org). *Um francês nos trópicos*. Francis de Castelnau: o olhar de um viajante no século XIX. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015.

MONTAIGNE, Michel de. *Dos canibais*. São Paulo: Alameda, 2009.

NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

ORLANDI, E. P. *Terra à vista*. Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez/ Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: Gadet, F; Hak, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro - a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - a questão do outro*. Lisboa: Litoral Edições, 1990.

_____. *Nous et les autres*. Paris: Le Seuil, 1989.